UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EMILIA APARECIDA DO NASCIMENTO

AFETIVIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS:
novas visões para o campo educacional.

Rio Claro
2020

EMILIA APARECIDA DO NASCIMENTO

AFETIVIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS: NOVAS VISÕES PARA O CAMPO EDUCACIONAL

Orientadora: Andréia Osti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Rio Claro
2020

N244a

Nascimento, Emilia Aparecida do
Afetividade e Relações Interpessoais: : novas visões para o campo educacional. / Emilia Aparecida do Nascimento. -- Rio Claro, 2020
32 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Andréia Osti

1. Afetividade. 2. Relações Interpessoais. 3. Escola. 4. Professor-aluno. 5. Ensino Aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe (Vanessa) por ter se esforçado integralmente para criar-me, por sonhar os meus sonhos e caminhar junto comigo durante toda a minha formação educacional, possibilitando que eu esteja em uma universidade pública de alto prestígio, formando-me em Licenciatura Plena em Pedagogia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por derem me dado forças e sabedorias para enfrentar as dificuldades que surgiram ao longo do meu caminho. À minha mãe, meu padrasto e minha irmã (Vanessa, Daniel e Anna Clara), pelo amor, apoio nas minhas escolhas e todo o incentivo.

Agradeço a minha orientadora, Profª Dra. Andreia Osti, por acolher as minhas ideias, pela dedicação e compreensão oferecidas em todos os momentos de execução desta pesquisa.

A todos os (as) professores (as) que deixaram suas marcas durante toda a minha formação educacional, me inspirando a trilhar pelo caminho do educar.

Agradeço a todos os profissionais, amigos, famílias, alunos e as minhas colegas Jaqueline e Suzana do curso de Pedagogia, com os quais eu convivi até o presente momento, por me possibilitarem novas aprendizagens, ampliação dos meus conhecimentos e reflexões.

1. INTRODUÇÃO

Desde a inserção da criança ao ambiente escolar, o desenvolvimento infantil adquire um novo caminho, isso porque a criança passará a se desprender da exclusividade do grupo familiar e irá ser inserida em um novo meio cultural. No ambiente escolar as crianças passam a se relacionar com um grupo maior de pessoas, todas diferentes e exercendo papéis distintos, dessa forma, as relações interpessoais e de afeto que se estabelecerá com esse meio cultural irá se expandir de acordo com a qualidade das interações definidas ao longo das situações do cotidiano (Almeida, 2001). Antes de pontuarmos as ideias centrais das quais iremos retratar ao longo dessa pesquisa, é importante termos ciência do valor que o meio social tem na vida do ser humano, isso porque é através dele que podemos extrair as circunstâncias necessárias para nos consolidar como cidadãos, “pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade” (ALMEIDA, 2001, p. 45). Wallon (1959 *apud* Almeida, 2001) em sua gênese demonstra a relação estreita que há entre as relações humanas e a constituição do indivíduo, enfatizando o meio físico e humano, em conjunto com o orgânico, como indispensáveis para a constituição do ser humano.

> [...] todo indivíduo recebe a marca da civilização, que regula a sua existência e de impõe à atividade. A linguagem que dela recebe é o molde dos seus pensamentos, dá aos seus raciocínios a sua estrutura. A organização da família, as relações entre as crianças e os adultos, entre sexos, entre indivíduos e coletividades, impõem à sua afetividade quadros mais ou menos rígidos, imperativos, proibições suscetíveis de influir profundamente na constituição da pessoa. A história das civilizações oferece o conhecimento dos meios, em que teve de se desenvolver o indivíduo de cada época e de continentes diferentes. (WALLON, 1959, p. 222, *apud* ALMEIDA, 2001, p. 45-46).

Tendo em conta que o ambiente escolar é uma das maiores fontes de socialização, pode-se afirmar que as múltiplas experiências vivenciadas nesse meio, geram sentimentos que afetam a maneira como as relações são percebidas, definidas e manifestadas, influenciando diretamente a construção da aprendizagem e o vínculo que se é estabelecido com o mesmo, bem como a forma com que o aluno se vê inserido naquele contexto. Por tanto, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender e analisar as influências da afetividade e das relações interpessoais nos processos de aprendizagem, bem como nas interações que ocorrem no contexto escolar.

A palavra afeto vem do latim *Affectu*, responsável por compor o elemento básico da afetividade. Diversas literaturas nacionais quanto internacionais abordam os termos afeto, emoções, sentimentos e afetividades como elementos complementares, neste estudo em específico iremos trabalhar com domínio afetividade, que se trata de um "[...] conjunto de fenômeno psíquico que se exterioriza sob forma de emoções, sentimentos, paixões que são acompanhados de impressões como satisfação ou insatisfação, alegria ou tristeza, etc." (FERREIRA, 2001). Os processos afetivos são estruturados ao longo da vida pessoal dos indivíduos, dentro de seus contextos históricos e culturais. Oliveira e Rego (2003) complementam:

> As emoções são, portanto, organizadas, concebidas e nomeadas de forma absolutamente diversa em diferentes grupos culturais. Nesse plano da psicogênese, a linguagem ocupa papel de destaque como instrumento para a constituição do campo da afetividade. Dispor de palavras para dar nome às emoções nos permite identificá-las, compreendê-las, controlá-las e compartilhá-las com os outros. (OLIVEIRA; REGO, 2003, p. 28)

Por sua vez, baseado nos estudos de Antunes (2014), às relações interpessoais são definidas por meio das interações entre pessoas que pertencem a um cotidiano. Desde pequenos aprendemos a nos relacionar com os nossos entes queridos, esse processo de aprendizagem se estende ainda mais ao longo dos anos, acompanhando o ser humano em todos os estágios de sua vida. Essa evolução nos relacionamentos que ocorrem entre os indivíduos se tornam de extrema importância para a estruturação do humano, um ser completo. Para Antunes (2014) além das relações interpessoais serem um conjunto de procedimentos que facilitam a comunicação e a linguagem, também são responsáveis por estabelecer laços sólidos nas interações entre um ser e outro.

> As relações interpessoais formam uma linha de ação que visa, sobre bases emocionais e psicopedagógicas, criar um clima favorável à escola e garantir, através de uma visão sistêmica, a interação de todo pessoal envolvido, por meio de uma colaboração confiante e pertinente. (ANTUNES, 2014, p. 9)

As relações são essenciais para a construção do conhecimento e do pensamento humano, uma vez que a concepção de uma relação afetiva positiva e a qualidade das interações que ocorrem entre professores e alunos, são capazes de incluir o estudante ao mundo escolar, sendo assim, devemos sempre reconhecer a importância do papel do docente neste elo. Os professores são pessoas significativas que marcam a vida de seus alunos, passando a ter influência até mesmo na forma

com que esses alunos se veem, isso acontece porque os docentes, no decorrer do cotidiano escolar, fornecem informações importantes sobre cada um dos protagonistas que compõem a sala de aula. É de alta valia que o docente conheça os seus alunos, saiba informações sobre a realidade dos mesmos, suas famílias e principalmente que aceitem e respeitem as diferenças e dificuldades apresentadas por esses estudantes ao longo do ano letivo. Ter sensibilidade para trabalhar essas dificuldades e até mesmo transformá-las em situações positivas é uma forma de não desfavorecer o processo de construção do conhecimento.

Acreditamos que quanto mais os alunos sentirem confiança e perceberem que tem o apoio de seus educadores e que são respeitados mesmo com todas as duas individualidades, mais eles irão expor suas dúvidas, medos, anseios, dificuldades, não se negando de esconder seus problemas. Em contrapartida dessa colocação que faço, o professor também poderá sentir-se mais confiante e capaz ao desenvolver o seu trabalho,

> [...] pois contará com a verdade e transparência no relacionamento com seus alunos, já esses terão a liberdade de não apenas expor suas dúvidas, mas demonstrarem quando o método ou atividade utilizada pelo professor não estiver atingido o objetivo proposto por ele. (OSTI, 2012, p. 21)

A aprendizagem é vinculada tanto pelas possibilidades e capacidades do aluno - nível cognitivo e conhecimentos prévios - quanto pela interação vivenciada em sala de aula com os demais alunos e professores. Devemos pensar o aprender como uma responsabilidade compartilhada, a instrução é afetada pelos fatores internos dos alunos como a genética, a maturação e pelos externos, sendo a família, escola e o meio social. Através do que foi exposto até o momento, podemos compreender que as dificuldades de aprendizagem podem ser decorrentes da qualidade da instrução e das características emocionais e motivacionais dos alunos (Osti; Brunelli, 2013).

Este estudo tem metodologia de natureza qualitativa que consiste na investigação de dados de forma crítica e direcionada. Utilizamos o método de revisão bibliográfica, por meio de obras literárias e buscas de artigos, assim como trabalhos cientidicos disponiveis no banco de dados da *Scielo*, UNESP, UNICAMP e USP, além de priorizarmos os trabalhos com recorte temporal dos últimos dez anos (2010-2020).

Bordgan e Biklen (1994), pontuam aspectos importantes ao que se refere à investigação qualitativa:

> A abordagem de investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca constantemente questões como: Porque é que estas carteiras estão arrumadas desta maneira? Porque é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Porque é que determinados professores se vestem de maneira diferente dos outros? (BORDGAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Com relação ao levantamento bibliográfico, Lima e Mioto (2007) destacam que este método se trata de uma classificação de todo o material recolhido como fonte para pesquisa, sendo eles os livros, coletânea de textos, teses e dissertações, periódicos, dentre outros. Bardin (1977) sugere três etapas de trabalho para o estudo bibliográfico, a primeira se refere à pré-análise, a segunda a exploração do material coletado e por fim, o tratamento das informações obtidas, a inferência e a interpretação. O método da revisão bibliográfica refere-se a uma pesquisa de caráter analítico, que busca com base nas análises dos textos coletados, caminhos, definições e até mesmo respostas, assim como reflexões acerca da temática que fora estabelecida para o estudo em questão.

Consideramos ser de alta relevância teórica e social, buscar conhecimentos ligados às características e fatores que compõem os sentimentos e as relações que permeiam o cotidiano escolar, sobretudo dos indivíduos que estão inseridos na Educação Básica, onde se nota um grande número de estudantes que fracassam em seu período de escolarização, elevando dessa forma, o índice de evasão escolar. Contudo, esperamos que esta pesquisa sobre as relações interpessoais e a afetividade criem condições para que possamos entender mais sobre a riqueza e importância da qualidade das interações que permeiam o cotidiano escolar. Saber como contribuir para elevar a autoestima dos alunos, criando condições para que eles saibam analisar criticamente as ideias que lhes rodeiam, até mesmo se posicionar frente à realidade social em que partilham.

2. AFETIVIDADE: instrumento de integração à sensibilidade.

Os estudos referentes às dimensões afetivas vêm ganhando força ao longo dos anos, se tornando objeto central de estudos e de pesquisas. Podemos identificar os fatores afetivos nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula pelos professores e como eles, através da mediação, conectam seus alunos aos objetos de conhecimento e ao meio cultural.

Para Mattos (2012), a afetividade é primordial para o desenvolvimento educacional, dado que a constituição de uma relação positivamente afetiva entre o aluno e o professor irá incluir os estudantes no contexto escolar, despertando neles o desejo e a curiosidade pelo aprender. Entretanto, uma relação negativa entre esses protagonistas poderá acarretar ao fracasso e até mesmo à exclusão de muitos alunos do sistema de ensino. Mattos (2012) complementa que

> [...] a permanência do educando na escola depende da aceitação, da motivação e da autoconfiança que ele percebe quando entre no ambiente escolar.(MATTOS, 2012, p. 226)

Não podemos deixar de enfatizar que por muitos anos o pensamento dominante da sociedade, caracterizava a razão como sendo a dimensão mais importante e predominante da constituição da aprendizagem humana, assim como atribuíam as emoções o caráter negativo e responsável pelas ações e reações inapropriadas das pessoas. Segundo Leite (2006), a partir do século XX, baseadas nas teorias dos determinantes culturais, sociais e históricos surgiram condições para um novo entendimento a respeito do papel das emoções no progresso humano, bem como da própria relação estabelecida entre a razão e os sentimentos. Diante disso, a afetividade e a cognição vem sendo estudadas e trabalhadas como elementos indissociáveis para o desenvolvimento, ou seja, debater o respeito dos aspectos afetivos na constituição humana é idem a dialogar a relação sujeito-objeto, na qual pe central nas etapas de produção do conhecimento de sua própria constituição como ser humano completo, sem esquecermos de que todos esses processos são mediados por algum agente cultural.

Muitos autores da abordagem histórico-culturalvêm se tornando fundamentais para formentar as discussões acerca das relações afetivas e da sua importancia para o processo de formação dos indivíduos. É válido salientar que, dependendo do ponto de vista teórico abordado, há muitos significados para as palavras: afeto, emoções,

sentimentos e afetividades. Neste capítulo iremos utilizar grande parte das contribuições de Henri Wallon, pois a afetivdade é um dos temas pilares que fazem parte de seus estudos.

Desde o começo do século XX as pesquisas de Wallon sobre a psicologia da criança vem ganhando reconhecimento, influenciando significativamente o meio social e educacional nas últimas três décadas. O autor respaldou seus estudos referente à evolução psicológica da criança em grandes autores da época como Sigmund Freud e Jean Piaget, procurando encaminhar suas pesquisas na necessidade das práticas pedagógicas.

A Teoria das Emoções recebe grande destaque na obra de Wallon, pois, segundo o autor, a emoção é a exteriorização da afetividade, ou seja, é um fato fisiológico nos seus componentes humorais e motores, ao mesmo tempo que, um comportamento social no seu papel de adaptação do ser humano ao seu meio coletivo. De acordo com Leite e Tassoni (2008), baseados em Wallon, explicam que a afetividade se expõe a um conjunto funcional apropriado pelas emoções, sentimentos e paixões. Os três se diferenciam entre si com base em suas funções, naturezas e maneiras de se manifestarem.

Tendo o tema como um dos elementos de maior influência em sua teoria psicogenética, Wallon (1995) evidencia que a origem da afetividade é anterior à origem da inteligência. Ferreira e Acioly-Régnier (2010) esclarecem que Wallon procurou integrar ao movimento dialético a afetividade, assim como os níveis biológicos, socioculturais e a cognição, gerando grandes contribuições para os processos de ensino-aprendizagem. Estudos como os de Almeida (1999) irão complementar que a variação dos meios sociais e com a formação de grupos através da inserção da criança na escola, permitem o estabelecimento de conquistas afetivas, como a diferenciação de si próprio e do “outro”, estabelecendo consequentemente as bases da construção do próprio “eu”. Esse processo de individualização acontece gradativamente durante todas as etapas dos estágios do desenvolvimento.

Na teoria walloniana, a emoção e a cognição constituem extremidades diferentes e ambas têm prioridades e formças que se opõem, porém, durante o progresso do ser humano, uma se pressupões a outra para garantir o pleno desenvolvimento do indivíduo. Para exemplificar devemos imaginar uma linha sinuosa, onde as ondas formadas deverão ser compreendidas como as ações

realizadas em conjunto entre a emoção e a razão. Para isso, em cada etapa do desenvolvimento ocorrerá a inversão da orientação da atividade e do interesse da criança, esse processo é denominado por Wallon como princípio da alternância funcional, considerada pelo autor como uma das três leis que regulam o processo de desenvolvimento da criança em direção ao adulto.

Almeida (1999) conceitua que o desenvolvimento psíquico da criança é definido pelo meio social, pelas interações que são determinadas com os demais indivíduos que compõem o seu cotidiano. A autoridade afirma que segundo Wallon, são as emoções, especificamente, que conectam a criança com o seu meio coletivo, atrvés da expansão dos laços qe se atecedem à razão, sendo assim, é a afetividade o ponto de largada do desenvolvimento do ser humano. A constituição do indivíduo ocorre com base base nas suas condições de existência, portanto serão o meio social e a cultura responsáveis por estabelecerem condições, limites e possibilidades para o desenvolvimento do organismo e da razão.

> A compreensão da reciprocidade entre afetividade e inteligência é a mola propulsora para uma discussão proveitosa acerca das relações afetivas na sala de aula. Não basta aceitar a afetividade como um aparato das relações com o conhecimento. É necessário entendê-la como uma companheira fiel da inteligência; afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade-inteligência no desenvolvimento humano. (ALMEIDA, 2001, p. 16)

Conforme as variações da idade, a criança passa a interagir mais vigorosamente com uma ou outra circunstância de seu contexto, retirando do mesmo os recursos cruciais para o seu próprio progresso, esse processo acontece baseado nas competências e necessidades da criança. Desse modo, de acordo com Galvão (1995), o meio não é estático e nem homogêneo, ele sofre constantes transformações juntamente com as pessoas, assim a reciprocidade estabelecida entre as atitudes das crianças e os recursos de seu meio, firmam um caráter de forte relatividade ao processo de desenvolvimento.

É inevitável discorrermos sobre a importância do meio social sem citar o papel significativo que os grupos têm diante do processo de formação dos seres humanos. Araújo (2000) esclarece que os grupos são indispensáveis, tanto para a aprendizagem social quanto para o desenvolvimento da personalidade da criança, bem como pela forma com que ela toma conhecimento e se apropria de sua individualidade. O grupo familiar, por exemplo, é o primeiro no qual a criança cria seus primeiros vínculos e se insere no meio.

O segundo grupo em que a criança constrói seus laços afetivos e amplia o seu contexto, é o grupo escolar. A escola pode se tornar um lugar até mais rico que o familiar, porque esse ambiente proporciona múltiplas interações, passando a conviver com crianças e adultos que ocupam e desempenham papéis diferentes. Por isso é valoroso destacar o papel essencial do professor na vida escolar dessas crianças, pois ele será um dos responsáveis por apresentar e representar diversas aprendizagens culturais, tecnológicos e científicos para seus alunos, que foram construídos historicamente pela sociedade. As relações interpessoais estabelecidas com os estudantes são marcadamente afetivas e irão determinar, em sua maioria, a qualidade da interação e do relacionamento futuro que se determinará entre as crianças e os variáveis objetos culturais. Analisaremos com mais detalhes no decorrer deste estudo, as relações estabelecidas entre alunos e seus professores.

Defendemos a premissa de que todas as medidas pedagógicas assumidas pelos professores, desde o planejamento até o desenvolvimento de seu trabalho, têm consequências diretas em seus alunos, tanto de nível afetivo quanto cognitivo. Grande parte dessas inúmeras decisões fazem parte da programação de uma rotina escolar, entretanto há aquelas que são fruto das situações imprevistas do cotidiano de sala de aula. De acordo com Tassoni (2000), o que é dito e se faz, a forma como se diz, em que momento ou circunstância e os motivos pelos quais dizemos algo ou reagimos a determinadas situações, irão impactar justamente o processo de ensino-aprendizagem. Neste seguimento de inter-relação, a postura que o docente assume em sala de aula irá afetar cada estudante, de forma igualitária ou distinta.

Ainda que a escola seja considerada como um local que assume o compromisso maior com o processo de transmissão e/ou produção de conhecimentos, podemos reiterar que

> As relações afetivas se evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (ALMEIDA, 1999, p. 107)

Sendo assim, quanto mais oportunizarmos às crianças momentos de interação entre elas e os demais grupos que percorrem cada fase de seu desenvolvimento, maior serão as chances de elas se conectarem com os ensimanetos propostos. O ambiente social é crucial para que isso ocorra, assim os objetos que são colocados à disposição, com o intuito de favorecerem a construção do conhecimento.

Essas questões reforçam a interpretação, aqui já expressa, sobre a diversidade das dimensões afetivas na mediação pedagógica que é desenvolvida pelo professor, que chegam a extrapolar os aspectos interpessoais, envolvendo os efeitos que tais decisões irão propiciar no processo de aprendizagem dos seus alunos. Galvão (1995) discorre que, a participação ativa em diversos grupos que apresentam aprendizagens e hábitos distintos, a variação dessas relações, proporcionam um amplo amadurecimento que enriquecerá a personalidade da criança.

A afetividade esteve, a todo momento, movimentando as ações dos seres humanos, ela sempre ocupou um lugar de destaque desde o nosso nascimento e nos acompanha durante todo o processo do desenvolvimento da pessoa completa. Assim como em nossa vida particular, é no processo educacional que as dimensões afetivas também se destacam, a forma com que essas relações afetivas acontecem, poderá ser decisiva nas concepções de mundo e de homem elaboradas pelos alunos. Portanto, é extremamente necessário que haja a continuidade de pesquisas e estudos nessa área, pois as alterações no ambiente escolar dependerão em grande parte dos aprofundamentos teóricos e metodológicos apresentados durante as décadas, além dos sentidos afetivos.

Os apontamentos trazidos neste momento possam ser úteis aos que pretendem conduzir os protagonistas envolvidos num processo educacional, a obterem atitudes mais efetivas, valorizando a criança como um ser amplo que precisa se desenvolver completamente e, isso implicará reavaliações de condutas dos profissionais que os cercam, assim como as metodologias e ferramentas empregadas no cotidiano de sala de aula. Logo mais, iremos nos aprofundar nas relações interpessoais e compreender como as mesmas estão presentes no ambiente escolar, assim como sua interferência no processo de construção do conhecimento.

3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS: a perspectiva de um novo papel social.

As relações interpessoais são estruturadas por intermédio das interações que ocorrem entre as pessoas que fazem parte do nosso cotidiano. Após o nascimento, desde muito pequenos aprendemos a nos relacionar com os nossos familiares, essa aprendizagem se prolongará no decorrer dos anos, acompanhando o ser humano em todas as etapas de sua vida, principalmente nos contextos de extrema socialização, além do familiar: vida escolar, profissional e grupo de amigos. O aperfeiçoamento desses relacionamentos se torna muito importante para a estruturação do ser humano. Para Antunes (2014) às relações interpessoais vão muito além de uma coleção de fatores que possibilitam a comunicação e a linguagem entre os pares, ela estabelece também, laços sólidos nessas relações, sendo considerada como

> [...] uma linha de ação que visa, sobre bases emocionais e psicopedagógicas, criar um clima favorável à 'empresa' escola e garantir, através de uma visão sistêmica, a interação de todo pessoal envolvido, por meio de uma colaboração confiante e pertinente. (ANTUNES, 2014, p. 9)

Há numerosas possibilidades de relações interpessoais no contexto escolar, elas acontecem entre alunos e seus professores, entre alunos e os demais colegas e funcionários da escola, bem como entre o grupo de professores e até mesmo entre os pais de alunos com a comunidade escolar. Essas relações sofrem influências diretas de uma série de eventualidades, as quais podem comprometer facilmente a qualidade dessas interações. Como bem ressalta Freire (1997), as relações humanas que existem dentro das escolas são de fundamental importância para o enriquecimento do processo de formação do "eu".

> Na prática educativa lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos da sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca, estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má formação, irresponsabilidade, para o seu fracasso, mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo. (FREIRE, 1997, p. 47)

De acordo com Oliveira (1997), a interação que acontece face a face entre as pessoas, desempenha um papel de autovalor na construção do ser humano, pois é

através da relação interpessoal concreta com os pares que o indivíduo interioriza os moldes que foram estabelecidos culturalmente. Antunes (2004) baseado nos estudos de George Kelly, destaca que os seres humanos normalmente são curiosos e evoluem ano após anos como cientistas e exploradores, na tentativa de compreender o mundo e a si próprio, passando a desafiar e a construir múltiplas hipóteses, compondo assim, conceitos personalizados e muito pessoais. É por meio da fundamentação desses variáveis conceitos que os indivíduos passam a interpretar a realidade, portanto é nesse aspecto que o campo educacional ganha força.

> Quanto mais uma criança compreende sobre seus próprios conceitos, mais facilmente identificará a necessidade de mudanças nos mesmos; quanto mais compreender os conceitos dos outros, mais facilmente estabelecerá relações de convívio. Assim, pois, o "eu" é simplesmente um conceito apreendido como outro qualquer e sujeito às mesmas possibilidades e mudanças em direções positivas. (ANTUNES, 2014, p. 23)

Diante disso, destaca-se que no processo de apropriação do conhecimento, o "outro" tem grande relevância na mediação da relação sujeito-conhecimento que acontece por meio dos objetos culturalmente dispostos. Isto é, o trabalho dos professores em sala de aula: a maneira com que interage com os alunos, as estratégias adotadas, a forma de abordar os conteúdos, procedimentos de correção e avaliação, tem influência decisiva na construção dessa relação.

O processo de ensino e aprendizagem também está associado às relações interpessoais. As qualidades do convívio com os grupos sociais podem estar ligadas aos resultados de inércia ou avanço do educando no processo de ensino. Baseado em Carl Rogers e Kelly, Almeida (2014, p.23) constata que a autoestima dos estudantes não ocorre por meio da condição genética, muito menos do resultado da inteligência e da personalidade, mas ocorre a partir da "interiorização do quadro que os pais e professores dela fazem". Quando se valoriza os alunos, considerando suas capacidades de desenvolver habilidades e competências fundamentais para lidar com o processo de construção do conhecimento, dando importância para essas construções, eles se sentiram cada vez mais encorajados, lidando de forma melhor com os imprevistos que surgiram ao longo do ano letivo.

É essencial aprofundar estudos nos problemas educacionais relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, pois nota-se que há fatores que interferem negativamente nas interações que acontecem entre alunos e professores,

dificultando o processo de construção do conhecimento. Todavia, é válido fazer o reforço de que uma interação de qualidade contribuirá para o sucesso do ensino, proporcionando melhorias no desempenho dos docentes e estudantes, fazendo com que ocorra maior probabilidade de uma aprendizagem significativa.

Para Vygotsky (2007), o ser humano se qualifica por sua sociabilidadeprimária, que se trata da referência instintiva do indivíduo para a sua convivência social, que resultará na sua própria evolução humana. Essa sociabilidade guia a criança para a relações sociais, que por vez também é esperado pelo adulto, já que ele tem interesse em proporcionar a aprendizagem e o pleno desenvolvimento dessa criança. Por isso a necessidade de que seja diversificado e, principalmente, sadios. Adentrando no que o autor propõe sobre a sociabilidade das crianças e seus desencadeamentos com o desenvolvimento, vemos que:

> É por meio de outros, por intermédio do adulto que a criança se envolve em suas atividades. Absolutamente tudo no comportamento da criança está fundindo, enraizado no social. E prossegue assim, as relações da criança com a realidade são, desde o início, relações sociais. Neste sentido, pode-se-ia dizer que o bebê é um ser social no mais elevado grau. (VYGOSTKY, 1984, p. 281)

Um dos reflexos positivos para a qualidade do trabalho docente são as relações interpessoais que acontecem de forma harmônica, isso porque, quanto melhor e mais verdadeiro for o relacionamento entre professores e seus alunos, melhor será o percurso para a efetivação do ensino. Diante disso, é necessário colocar que quando falamos de verdadeiro, estamos querendo retratar do respeito também, é fundamental que esse aspecto permeia pela sala de aula todos os dias, a conquista desse respeito de dá por meio da construção de diálogos, tanto individuais (quando necessário para não expor o aluno e o professor), quanto coletivos, permitindo que o grupo como um todo discuta e levante reflexões acerca do convívio diariamente. É oportuno que o docente se mostre aberto e acolhedor para que o aluno sinta confiança em sanar qualquer dúvida, bem como relatar as situações que estão lhe incomodando (educacional e pessoal). Esses pontos são válidos, pois há uma influência muito significativa no comportamento de uma pessoa a respeito do que ocorrem na sua vida pessoal e que é irradiado para a sala de aula.

O processo de aprendizagem é abrangente e muito dinâmico, por tanto cabe ao docente, através de propostas pedagógicas que envolvam o afeto, o trabalho em grupo e as relações interpessoais, compor uma rotina que favoreça o processo de

construção do conhecimento de seus alunos. O prazer por aprender é um dos pilares essenciais para esse desenvolvimento, assim como a ligação existente entre afeto e cognição, que são a mola propulsora dos debates que discutem a estruturação do aprender, devendo ser encaradas juntas como uma das bases do processo de formação, tanto do docente quanto dos alunos.

É fundamental que cada vez mais os professores, a equipe gestora e todos os funcionários (nesse aspecto ressaltamos a importância de uma formação continuada para todo o grupo escolar), tenham o entendimento de que na escola as relações interpessoais acontecem constantemente, cabendo aos mesmos aprender a usar as competências desenvolvidas por seus alunos para assim, ajudá-los a passar pelas transformações que cada etapa percorre. Antunes (2014) traz a seguinte contribuição a respeito desse assunto, mais direcionado aos professores:

> Os laços estre alunos e professores se estreitaram e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos, reflexões integradoras que necessitam ir muito além de um singelo “Sou seu professor e gosto muito de você”. (ANTUNES, 2014, p. 12 e 13).

A interação professor-aluno deve ser de ótima qualidade motivacional, por que ambos se beneficiam com isso. Essa qualidade é suprida quando o aluno exercita a sua autonomia, passando a se sentir competente diante das atividades elaboradas pelo seu professor, sentindo-se parte da turma na qual convive (BZUNECK, 2010). Fazer levantamento de reflexões com o grupo, criar hipóteses no decorrer da resolução de um problema e muitas outras possibilidades, contribui para o aprimorar o entrosamento entre os pares e os professores, elevando a outro patamar o desempenho de ambas as partes durante as aulas. Compete ao professor buscar outras alternativas que possam facilitar para o mesmo a reorganização de seu trabalho, de forma que consiga instigar seus alunos, atraí-los para os conteúdos e envolvê-los na proposta didática; formando sujeitos capazes de pensar com autonomia e em conjunto, desafiando-os a pesquisar, encorajando sua criatividade e interesse, a problematizar e buscar possíveis soluções. Para que esse processo se concretize é importante que o professor pense a respeito e considere o ensino interdisciplinar, pois ao criar pontes entre os conteúdos, irá atribuir mais significados às experiências que os alunos terão.

Nas palavras de Libâneo (1994):

> O professor não apenas transmite informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos, deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades (LIBÂNEO, 1994, p. 250)

Quando acontece essa troca de experiências direta entre os alunos e seus professores, vai se solidificando uma relação de confiança, tornando o ambiente de sala de aula um lugar mais agradável. As questões pessoais trazidas pelos alunos, como já dito anteriormente, fazem parte desse laço de afeto e confiança que fora estabelecido. É primordial que o docente acredite no potencial de seus alunos e os considere capazes de elaborar e compartilhar suas próprias ideias e seus sentimentos. Mosquera e Stobaüs muito bem colocam que

> Frequentemente nos custa muito parar para ouvir, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém, pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. (MOSQUERA & STOBÄUS, 2004, p. 97)

Em decorrência dessa interação podemos conhecer melhor quem são as pessoas que fazem parte do meio no qual estamos inseridos, bem como quais as bagagens culturais e de valores elas carregam consigo, sempre devemos estar abertos a aprender uns com os outros, buscando sempre o direito de entender e ser entendido. Assim, podemos perceber como as relações interpessoais colaboram para o processo de desenvolvimento da aprendizagem humana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais volume Ética traz justamente isso ao dizer que, “a escola é a primeira oportunidade de conviver com pessoas diferentes” (BRASIL, 2001, p. 119). A trajetória escolar, desde a Educação Infantil são etapas muito valiosas para possamos entender quanto cidadãos que todos nós temos o direito de sermos tratados com respeito e dignidade, cada um com a sua singularidade.

Minicucci (1985, p. 21) explica que “as Relações Humanas são estudadas como ciência [...] valendo-se também de outras ciências que estudam o homem no seu relacionamento, como a psicologia, a sociologia, a moral, as chamadas ciências

sociais". É significativo que o professor tome conhecimento dessa ciência, justamente pelo papel fundamental que exerce na trajetória de seus alunos, devendo sempre com muito respeito tratá-los e também demonstrar afeto para com eles. Segundo Freire (2011):

> Ensinar exige querer bem o aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, signfica que o educador deve ter afetividade peli alino sem medo de expressá-la. (FREIRE, 2011, p. 101).

Mosquera e Stobaüs (2004) colocam que:

> Um professor que busca por uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais. (MOSQUERA; STOBAÜS, 2004, p. 106)

Ensinar é uma ação que acarreta múltiplas trocas de informações, é contribuir para a construção e reconstrução do conhecimento diariamente e, sobretudo para que todos os que participam desse ato possam construir suas identidades como cidadãos críticos. Para Freire (211, p. 103), "o clima de respeito nasce de relações justas, s´rias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem aticamente, autenticando o caráter formador do espaço pedagógico".

As relações interpessoais trilha um caminho de sentimentos que devem ser equilibrados e baseados na compreensão, onde o docente faz o papel de acolhedor, amparando as manifestações das crianças, sem abrir mão dos limites necessários para que a dinâmica de respeito a todos que estão no grupo seja construída e continuada. Os alunos precisam ter espaço para poderem debater suas ideias, expressarem seus sentimentos (de múltiplas formas), bem como argumentar sobre os assuntos diferentes que estão sendo abordados ao redor da sua comunidade, porque é na escola também, que eles aprendem a defender e lapidar seus argumentos, assim como firmar suas posições.

A interação em qualquer ambiente surge a partir da aceitação do outro, onde o respeito mútuo e o acolhimento das duas partes facilitam o convívio entre os seres humanos. Na escola, o espaço das relações interpessoais, deve estar centrado na constituição do eu, ou seja, na compreensão do indivíduo com as suas diferenças e suas qualidades. Em conformidade com Patto (1997, p. 319), "a educação para o

‘mundo humano’ se dá num processo de interação constante, em que nós vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos”. Nesta linha de pensamento, buscamos com este capítulo aprofundar o conhecimento sobre o relacionamento interpessoal presente nas relações que acontecem no ambiente escolar.

4. PROFESSORES E ALUNOS: a construção de uma relação de qualidade.

É nítido a força com que as discussões referentes às questões relacionadas ao afeto em sala de aula e o valor das interações que ocorrem neste meio vem ganhando destaques e novos olhares, considerando-as elementos significativos para o desencadeamento das atividades cognitivas dos seres humanos. Sabemos que assim como as demais instituições nas quais estamos inseridos, a escola é um ambiente que concentra uma pluralidade de realidades, que além de auxiliar na ampliação de ideias e pontos de vistas, podem também desencadear algumas divergências e disputas, mas como utilizar e/ou equilibrar essas situações para favorecer o processo de aquisição do conhecimento? Como participante ativo desse processo, o professor tem como papel fundamental ser o mediador dessas interações que ocorrem dentro de sala de aula. Quando a mediação é feita de forma saudável, o docente poderá facilitar a comunicação que se estabelece no grupo, com o propósito de ampliar os caminhos para a resolução dos impasses que acontecem frequentemente, assim como, permitir que o diálogo seja um dos fios condutores essenciais para um bom relacionamento com os alunos. Sendo assim, a qualidade dessas relações que acontecem no contexto escolar, pode contribuir para o pleno desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e motoras de cada aluno.

> [...] a afetividade, que se expressa na relação vincular entre aquele que ensina e aquele que aprende, constitui elemento inseparável e irredutível das estruturas da inteligência [...] na transmissão e apropriação do conhecimento, que ocorre numa relação sujeito a sujeito, intervêm processos conscientes e inconscientes dos pares em relação. Não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de *sujeitos humanos,* não havendo, portanto, relação ensino- aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo. (ALMEIDA, 1993, p. 31 apud RODRIGUES e GARMS, 2007, p. 32)

A *interação* é a "ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas; ação recíproca" (FERREIRA, 2004, p. 1.117). A troca maior de conhecimento acontece nas interações dos sujeitos humanos, por mais que as relações humanas sejam de grande complexidade, quando permeada de afeto, atenção e de uma boa comunicação, ela se torna crucial para o desenvolvimento integral da criança, assim como o ajuda o adulto mediador a amadurecer as expectativas do seu protagonismo em sala de aula. A criação desse vínculo acaba por promover as capacidades psicossociais dos indivíduos que compõem esse meio.

Estudos com pilares nas abordagens histórico-cultural, confirmam isso, ao esclarecerem a importância do “outro” – visto como sujeito mediador – no processo de construção do conhecimento, assim como na constituição do seu próprio ser e de suas ações. Como seria a convivência ideal entre professores e seus alunos? Qual a melhor forma de se estabelecer uma relação de confiabilidade no grupo como um todo? Essas e muitas outras indagações são essenciais para que todos os educadores, de diferentes níveis de ensino e atuação, possam se questionar e pensar a respeito. Afinal de contas, uma boa convivência entre os pares atuantes, é uma das melhores formas de garantir um ambiente integrador e propício à aprendizagem.

Quando provocados a pensar a respeito, algumas respostas surgem e dentre elas, emerge a discussão acerca da diversidade de personalidades, sendo destacadas sempre as crianças com “personalidade forte” e a dificuldade de “lidar” com essas individualidades. Porém, quais das vezes já se questionaram a respeito da própria personalidade? Pois mesmo sendo o adulto em sala de aula, não deixa de ser um dos protagonistas, pelo contrário, esses autoquestionamentos permitem elevar o educador a um patamar de grandes reflexões, só assim será possível buscar caminhos e olhares sinceros, concretos e verdadeiros que auxiliarão nas relações que estão sendo estabelecidas. Além do mais, um passo importante para amenizar esses conflitos e desafios que surgem nas relações, é estabelecer uma base sólida de confiança entre alunos e seus professores, pois quando este sentimento se efetiva em sala, tanto estudantes, quantos os docentes se sentem seguros, confiantes e motivados a aprimorarem seus conhecimentos.

Alguns educadores, infelizmente, não têm consentimento do valor de seu papel na vida de cada aluno, é por isso que gostaríamos de destacar a importância da formação dos professores e a busca por novos conhecimentos e entendimentos, porque não há a possibilidade de uma educação de qualidade e voltada para as necessidades dos alunos, se o próprio educador não tem ciência do seu papel como mediador entre o conhecido e o desconhecido. Contudo, alguns professores ainda baseados no tradicionalismo, consentem que ser educador está baseado em apenas apropriar-se de conteúdos e expor os mesmos aos alunos. Como muito bem coloca Paulo Freire (2011, p. 24), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. E para que o docente

entenda o verdadeiro significado de seu trabalho, é necessário que o mesmo saiba sobre a identidade e história de sua profissão.

> Teríamos que conseguir que os outros acreditem no que somos. Um processo social complicado, lento, de desencontros entre o que somos para nós e o que somos para fora [...] Somos a imagem social que foi construída sobre o ofício de mestre, sobre as formas diversas de exercer este ofício. Sabemos pouco sobre a nossa história. (ARROYO, 2000, p. 29).

Lamentavelmente, é comum que algumas instituições de ensino ignorem a articulação existente entre o afetivo, motor e o cognitivo nas atividades escolares. Muitas escolas não compreendem que, ao cumprirem a função de transmissoras de conhecimento, elas acabam lidando paralelamente com outras dimensões do desenvolvimento que estão diretamente ligadas com o aspecto cognitivo. Planejar uma prática pedagógica, que leve em consideração esses pressupostos, é enxergar o aluno como um indivíduo em constante transformação e que, por meio das interações, irá se tornar capaz de intervir e agir no contexto no qual está inserido, concedendo novas significações para a história da humanidade. Castro (2001 *apud* MATTOS et al., 2013) coloca-se significativamente, ao considerar que assim como os adultos, as crianças são plenamente capazes de agir no mundo, colaborando para os processos e produção e reprodução do meio cultural e da vida:

> [...] enquanto capazes de agir, crianças e adultos não são diferentes, mas se singularizam no curso da ação ao se revelarem como sujeitos distintos. [...] Diferenças entre adultos e crianças emergem a partir de como se estruturam os cursos da ação para estes sujeitos, ou seja, o contexto de condições que possibilitam a ação para ambos. (CASTRO, 2001, p. 43 *apud* MATTOS et al., 2013, p. 370)

Quando se referem a uma escola com base nos processos de interações, queremos nos referir a um espaço de que haja construção, respeito e valorização de todos os envolvidos, onde todos sejam estimulados a pensarem e agirem em conjunto, solidificando os laços e pilares do grupo. Na teoria de Vygotsky, e interessante notar como os estudantes se constituem na relação com os seus pares. A escola é um ambiente completamente privilegiado, pois reúne grupos diferenciados a serem trabalhados. Por tanto, tal realidade contribui para que, no agrupamento de múltiplas vozes, as singularidades de cada um dos alunos sejam respeitadas.

A sala de aula é, certamente, um dos meios mais oportunos para a construção

de ações compartilhadas entre os indivíduos que o compõem. Desse modo, a mediação é uma conexão que se torna presente nas interações que ocorre constantemente no processo de ensino-aprendizagem. A postura do educador em educar é sustentada pelas relações que são determinadas entre aluno e professor.

Sustentadas em Vygostky, Tassoni e Leite (2001) enfatizam que

> [...] considerando o professor um dos mediadores na sala de aula, suas ações têm por objetivo a aprendizagem do aluno. Nessas ações mediadoras, o aluno entra em contato com modos de pensar, agir e sentir em relação ao conhecimento envolvido e a situação em si. Nessa dinâmica, a forma como o aluno significa a ação do professor revela uma atitude afetiva. (TASSONI e LEITE, 2011, p.83)

O aspecto motor é um dos elementos que deve ganhar destaque nesta discussão. Por diversas vezes, o movimento é interpretado por muitos docentes como uma ação perversa sobre as atividades intelectuais, são por diversas vezes associados a agitação ou tumultos, bem como empecilho para o desenvolvimento cognitivo. Preocupados em aniquilar o que pode prejudicar a aprendizagem em sala de aula, acabam por ignorar completamente um valioso atributo do movimento: sua aptidão em representar as emoções.

Segundo Wallon (1971), os movimentos, como exteriorizações da natureza afetiva, podem conceber emoções e ser resultados delas. Wallon realça que a alegria, ao se mostrar na criança, pode causar uma agitação motora significativa na criança, que por sua vez, fica fragmentada entre permitir que esses entusiasmos se manifestem e fazer as atividades intelectuais que foram propostas. Quando isso ocorre, normalmente ela se entrega ao primeiro. Por isso a importância do olhar atento e interpretador do professor, pois sabemos que muitos nessas situações teriam repreendido a criança, ao achar que essa agitação seria inoportuna para o momento.

Como dito anteriormente, muitas vezes as reações posturais das crianças são entendidas como distração para os outros colegas de classe, bem como desatenção. Por isso, há uma persistência maior pelo controle dos movimentos, como se somente sua limitação pudesse assegurar a aprendizagem completa da criança. Compreendemos que existem situações em que o ato de se movimentar, de fato é inconciliável com as atividades acadêmicas desenvolvidas; porém é preciso que o educador esteja alerta as respostas corporais de seus alunos, pois essas expressões podem ser indícios de estados emocionais que têm de ser levados em consideração

no ambiente de sala de aula. Aliás, tanto o excesso dessas reações posturais, quanto sua “ausência” podem ser indicadores de determinadas emoções.

> A falta de clareza a respeito da ligação existente entre movimento e emoção interfere, muitas vezes, na relação professor-aluno. O professor pode cometer o engano de interpretar expressões de alegria como indisciplina. Esse erro de leitura normalmente o leva a reagir com irritação diante da simples presença de uma criança hipertônica, já que não se encontra preparado para lidar com suas necessidades posturais. (ALMEIDA, 2001, p. 91)

Dessa forma, aprender a fazer a interpretações dessas emoções é um requisito prévio de muita importância para poder auxiliar os alunos na condução dessas emoções. Mesmo não sendo assunto atual, ainda hoje não sabemos como compreender os seus sinais da maneira correta. Essas manifestações posturais auxiliam o educador em suas aulas, em especial quando os alunos estão realizando suas atividades pedagógicas; é por meio das expressões de movimentos e faciais, que o professor conseguirá averiguar até que momento os conteúdos aplicados estão sendo significativos para as crianças. De acordo com Mahoney (2004), o professor pode fazer a leitura de seus alunos: por meio dos olhares, a tonicidade da voz, os sinais de cansaço, a atenção e o interesse que é despertado e muitos outros indicadores que vão determinando como está sendo o processo de construção da aprendizagem.

A relação professor-aluno é primordial para o desenvolvimento integral das crianças e, quando essa interação é estabelecida com qualidade e positiva, passa a ter ligação com os múltiplos resultados escolares importantes, dentre eles a confiança dos alunos acerca das suas capacidades, atitudes, a elevação da motivação e o sucesso escolar. Loos-Sant-Ana e Barbosa (2017) em sua pesquisa, investigaram a representação de professores através dos desenhos e pequenas histórias realizadas pelos alunos. As autoras concluem, depois de analisarem os materiais, que as crianças são capazes sim, de construir representações sobre as relações que são estabelecidas com os seus professores, principalmente as que possuem caráteres fortemente afetivos. Tassoni (2008) conclui que:

> Os sentimentos e emoções produzido na dinâmica interativa as salas de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada

> professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximam ou afastam os alunos do objeto de conhecimento. [...] condições afetivas positivas contribuem para que a atividade cognitiva flua livremente. O contrário disso também é verdadeiro. Ou seja, condições afetivas negativas desorganizam os processos cognitivos. (TASSONI, 2008, p. 207-208)

Sendo assim, o aprender torna-se mais cativante quando a criança sente que pertence ao meio no qual está sendo contemplada pelos significados positivos que presentes em sala de aula, e que contribuirão para as suas experiências durante o tempo em que lá permanecer. É natural que algumas vezes, o prazer despertado pelo conhecimento não aconteça de forma momentânea nos alunos, pois alguns ainda encaram as tarefas e as realizam como “obrigação” e não por satisfação ou porque percebem que é importante para seu processo de desenvolvimento intelectual. Para que os professores despertem essa sensação em seus alunos, lhe cabe a difícil tarefa de despertar nos mesmos a curiosidade pelo conhecimento que ainda não domina. Wallon (1995) destaca que os sentimentos positivos destravam as atividades cognitivas, sendo que os negativos as travam.

Portanto, a qualidade da relação existente entre professores e alunos através do processo de ensino-aprendizagem, dependerá sobretudo: do ambiente e do diálogo estabelecido pelo professor, da relação de empatia com os seus alunos, da mediação entre os pares, da capacidade de ouvir e ser ouvido, respeitar e ser respeitado, também da importância de refletir acerca do significado de seu papel na vida de cada um deles e levar essa discussão para a sala de aula, assim todos terão consentimento do quanto cada um é importante para esse processo que será construído em conjunto ao longo de todo o ano letivo.

Vivemos em um mundo onde, infelizmente, tudo acaba se tornando descartável, não podemos permitir que a busca e a aquisição do conhecimento também sigam esse mesmo ritmo. Os alunos estão em busca, mesmo que eles não se deem conta disso, da construção de suas identidades, uma imagem de si que o incorpore em uma sociedade fragmentada, onde os grupos que nela existem estão em incessantes lutas para estabelecerem suas identidades, seus valores e seus direitos. É por isso que devemos enfatizar para eles suas qualidades, seus pontos fortes, enaltecer o que eles têm de melhor, mostrar que suas particularidades contribuem para a construção não somente de si, mas também a sociedade na qual está inserida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender e analisar a forma com que as relações interpessoais e a afetividade estão presentes no ambiente escolar. Mais especificamente buscou-se entender o papel das interações que ocorrem no campo educacional, principalmente à que se refere entre professores e alunos.

No decorrer desta pesquisa trilhamos caminhos muito importantes acerca das relações interpessoais e de afeto que são construídas ao longo da rotina de sala de aula. Podemos refletir que a qualidade das interações que são definidas entre as pessoas que partilham de um mesmo ambiente social, como a escola por exemplo, se torna de suma importância para a evolução do nível afetivo e consequentemente, cognitivo. Dantas (1992, p. 107) muito bem se posiciona ao expressar que “é na interação que o sujeito se constrói”.

Este ano de 2020 especificamente e infelizmente, podemos notar a importância e o impacto que a relação de proximidade com o outro tem em nossas vidas. Em tempos de isolamento social, por conta da pandemia da Covid-19, sem o contato “olhos nos olhos”, sem a presença física de um ente querido ou no caso das escolas, de um professor, podemos perceber e sentir a falta que essas trocas diretas fazem em nosso cotidiano.

A partir desse momento delicado no qual estamos enfrentando e que irá nos acompanhar por um incerto período de tempo, mais do que nunca os profissionais da educação terão que ter seus olhares voltados aos alunos de forma integral, ou seja, considerar não somente aspectos cognitivos no decorrer de seus processos de desenvolvimento, mas inclusive acolher as emoções desses estudantes, suas angústias e seu atual contexto social, só assim é que teremos maiores chances de construir um ambiente confiável, seguro e significativo para a aprendizagem, já que durante esse afastamento em decorrência da pandemia da Covid-19, as relações interpessoais e de afeto acabaram por serem corrompidas, na grande e maior parte das famílias.

Para que o ambiente de sala de aula seja propício para uma educação integral dos alunos, o docente precisa assumir uma postura crítica de seu trabalho, quando digo isso, me refiro a buscar novas respostas e conhecimentos, dentro da ética, da cidadania e das literaturas, conhecimentos e aspectos que possam lhes auxiliar nas

situações do cotidiano escolar. A escola por sua vez, precisa estar atenta aos aspectos que ressaltam a cultura dos alunos, fazendo com que os discentes possam relacionar os conteúdos ministrados em aula com as suas vivências. O processo de construção da aprendizagem precisa favorecer os conhecimentos prévios dos

estudantes e suas múltiplas experiências, as relações interpessoais e o afeto nesse caso, não proporcionará apenas um ambiente agradável para ambos os protagonistas - professor e aluno - mas sim uma educação humanizada, voltada para o diálogo, compreensão e transformação.

Ao pensarmos no valor das relações interpessoais, não devemos nos restringir apenas para as interações ocorridas em sala de aula, isso porque em qualquer ambiente de trabalho relações têm de ser positivas para que haja um bom rendimento das atividades profissionais. Em decorrência de muitos contratempos existentes na educação, por diversas vezes podemos encontrar professores e funcionários frustrados no dia a dia de uma rotina intensa de trabalho. Essas condições podem tornar as relações desgastadas, gerando afastamento entre os próprios colegas de equipe, assim, se as relações que envolvem a escola não estiverem boas, tanto os professores quanto os outros profissionais, não irão conseguir desempenhar um bom trabalho e suas interações com os alunos poderão ser comprometidas.

As obras e teorias de Henri Wallon contribuíram efetivamente para a realização deste estudo, o autor aborda a dimensão humana, contextualizando o estudante em seu meio cultural a partir do reconhecimento de suas potencialidades, além de destacar a importância das relações sociais e afetivas para a construção do ser humano completo. As pessoas, como seres sociais que são, necessitam das interações para aprenderem, precisam dar e receber nas trocas enriquecedoras, trocas essas que ocorrem desde o início da vida com a inserção nos grupos, primeiro a família, depois escola, trabalho, percorrendo toda a vida social. A fusão da afetividade com o meio cultural, tem vital importância nos processos de evolução do ser humano.

Se torna cada vez mais evidente analisarmos sobre a importância de se construir práticas educativas inovadoras, baseadas em pilares de reflexão e construção de conhecimentos compartilhados. É necessário, gradativamente, por meio dos desafios que surgem no ambiente escolar, olhar atentamente e perceber

esses obstáculos como novas oportunidades de desconstrução e reconstrução das práticas e das interações que as permeiam.

Para que essas mudanças ocorram e as instituições educacionais consigam exercer suas funções, é fundamental que todos os participantes desse meio - educadores, gestão, funcionários, famílias e alunos - caminhem juntamente, tendo em vista uma educação voltada para além do conhecimento expresso nos livros didáticos, uma educação que forma seres humanos completos, que cria condições para que os alunos saibam analisar criticamente as ideias que lhes rodeiam, até mesmo se posicionar frente à realidade social em que partilham.

Concluímos este trabalho reforçando que não existirá primazia no processo de ensino e de aprendizagem se não houver uma constante busca pela qualidade das relações de convivência no espaço social de aprendizagem, tanto entre professores e alunos, quanto na escola como uma comunidade em geral. É no decorrer do dia a dia, nas interações com os pares onde se solidifica os laços e a empatia, assim como o respeito recíproco. Ambas essas circunstâncias abrem caminhos para um ensino efetivo e significativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **A emoção na sala de aula.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ANTUNES, C. **Relações Interpessoais e autoestima:** a sala de aula como um espaço de crescimento integral. 10. ed. Petrópolis,RJ: Editora Vozes, 2014.

ARROYO, M. **Ofício de Mestre:** imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BZUNECK, J. (2010). Como motivar os alunos: sugestões e práticas. In: Boruchovitch, BZUNECK, J.; GUIMARÃES, S., (Orgs.). **Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, A. **Mini Aurélio:** O dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, A.; ACIOLY-RÉGNIER, N. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação.** Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf. Acesso em 17

jan. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa.

18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

LEITE, S. (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas.** 1. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: **Mesa Redonda do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita, Mesa redonda**, Campinas, 2006. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf. Acesso: 08 ago. 2019.

LIBÂNEO, J. **Didática.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, T. C. S.; MIOTO. R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál.** Florianópolis. v. 10, n. esp., p. 37- 45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

LOOS-SANT'ANA, H. BARBOSA, P. **Dando voz às crianças:** percepções acerca do papel da dimensão afetiva na atividade pedagógica. Brasília, v. 98, n. 249, p. 446-

466, maio-ago, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v98n249/2176-6681-rbeped-98-249-00446.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

MAHONEY, A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. (Orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**, p. 13-24. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MATTOS, A. et al. **O cuidado na relação professor-aluno e sua potencialidade política.** Rio de Janeiro, Estudos de Psicologia, 18(2), 369-377, abr-jun, 2013.

Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n2/v18n2a24.pdf Acesso em: 26 jan. 2020.

MATTOS, S. M. N. Inclusão/exclusão escolar e afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 44, p. 217-233, abr./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a14.pdf. Acesso em: 05 out. 2019.

MINICUCCI, A. **Relações Humanas:** psicologia das relações interpessoais. 2. ed. Atlas, 1985.

MOSQUERA, J.; STOBÄUS, C. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). **Ser professor.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 91-107, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, A. A. (org). **Afetividade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. **Sentimentos de quem fracassa na escola:** análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 417- 426, set/dez 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/pusf/v18n3/a08v18n3.pdf. Acesso em: 14 dez. 2019.

PATTO, M. **Introdução à psicologia escolar.** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

RODRIGUES, S.; GARMS, G. Relação professor-aluno e afetividade: reflexões wallonianas sobre o ambiente de aprendizagem e a prática docente. **Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**. Campo Grande/MS, n. 23, p. 31-41, jan./jun. 2007. Disponível em: https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-

estudos/article/view/259/114. Acesso em: 15 jan. 2020.

TASSONI, E. **A dinâmica interativa na sala de aula:** as manifestações afetivas no processo de escolarização. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista, Campinas, SP, 2008. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251875/1/Tassoni_ElviraCristinaMartins_D.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

TASSONI, E.; LEITE,S. **Um estudo sobre emoções e sentimentos na aprendizagem escolar. Comunicações**, 18(2), 79-91, jul-dez, 2011. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/933/603. Acesso em: 29 out. 2019.

VIGOTSKY, L. **A formação social da mente.** 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995. Tradução Cristina Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1995.

DISCENTE
Emilia Aparecida do Nascimento

ORIENTADORA
Andréia Osti